

# EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA EM CONTEXTO DE ENSINO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Diná Ester Batista do Nascimento <sup>1</sup>  
Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro <sup>2</sup>

## RESUMO

Objetivamos compreender que aprendizagens professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constituem em contexto de ensino para discentes com deficiência e como isso repercute em seu desenvolvimento profissional e identificar que potencialidades e dificuldades um professor que leciona nessa modalidade de ensino com discentes que possuem deficiência encontra em seu ambiente de trabalho. Este trabalho discute aspectos da Legislação Nacional brasileira, tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) e se fundamenta nos estudos de Freire (1996), Marcelo (1999) e Nóvoa (1992). Para a realização da pesquisa, realizada em 2022 em um município do Ceará, contamos com a colaboração de quatro professores que lecionam na EJA em turmas que têm alunos com deficiência. Os alunos possuem laudo que atesta a deficiência. Como resultados, percebemos que as aprendizagens constituídas são voltadas para o crescimento pessoal dos docentes que eles referenciam como formação humana. No que se refere às potencialidades, percebemos que elas estão relacionadas a equipe de trabalho e as dificuldades dizem respeito a estrutura física de uma das instituições que os docentes lecionam, bem como a falta de recursos didáticos voltados para os alunos da EJA com deficiência. Concluímos que de acordo com os entrevistados, se faz necessário que os docentes busquem formação continuada, buscando qualificar a prática pedagógica. Enfatizamos a importância das Secretarias de Educação, de Estados e municípios fomentarem a realização de formações continuadas aos docentes, buscando propiciar momentos de aprendizagens que auxiliem os discentes em sala de aula e que se espera que essas formações repercutirão no desenvolvimento profissional dos docentes.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos, Alunos com deficiência, Desafios e potencialidades.

## INTRODUÇÃO

Objetivamos neste estudo compreender que aprendizagens professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constituem em contexto de ensino para discentes com deficiência. Esse objetivo, por sua vez, foi constituído com suporte no desdobramento do seguinte problema de pesquisa: Que aprendizagens professores da Educação de Jovens e Adultos constituem em contexto de ensino para discentes com deficiência?

Este artigo se pauta na abordagem qualitativa. Realizamos uma entrevista semiestruturada, elaborada previamente, com quatro professores que lecionam na EJA, em

<sup>1</sup> Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [dinahnascimento@yahoo.com.br](mailto:dinahnascimento@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Professor orientador, Pós-Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, [mirtielFrankson@gmail.com](mailto:mirtielFrankson@gmail.com).

duas unidades escolares do município de Itapipoca – Ceará, em turmas de alunos que possuem deficiência. Ressaltamos que alguns participantes lecionam em um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) que são instituições da rede estadual cearense de ensino específicas para o público da EJA e outros profissionais lecionam em uma instituição que fica anexa ao CEJA. Sendo uma turma multisseriada e a outra formada por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (EF). Para Gil (2008, p. 109), a técnica entrevista se apresenta como “[...], uma forma de interação social”. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

É importante salientar que os discentes ao realizarem a matrícula na instituição de ensino apresentam um laudo médico que atesta a deficiência. No que se refere a deficiência dos discentes, em ambas as turmas há discentes com Síndrome de *Down*, deficiência física, deficiência intelectual, deficiência auditiva, deficiência visual e Transtorno do Espectro Autista. A faixa etária dos alunos é entre 17 e 35 anos, na turma multisseriada e na turma dos anos finais do Ensino Fundamental os docentes não informaram a faixa etária dos discentes.

O direito à educação é garantido em diversos documentos oficiais brasileiros, tais como: a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a LDBEN de 1996 (BRASIL, 1996). Desta forma, o acesso à educação é um direito de todos os educandos e um dever do Estado e da família, buscando o pleno desenvolvimento discente (BRASIL, 1988). Muitas vezes, porém, crianças e adolescentes são privados desse direito, seja por suas condições financeiras e sociais, por exemplo. Nesse sentido, muitas crianças e adolescentes não frequentam a escola porque precisam trabalhar para dispor de alimentos e recursos que auxiliem na renda mensal da família. Nesse cenário, essas crianças e adolescentes são privados deste direito à educação, pois muitas vezes, precisam escolher entre o estudo e o trabalho, prevalecendo muitas vezes, a escolha pelo trabalho, a fim de garantir o sustento da família.

É importante considerar que por muito tempo, o direito à educação para muitas crianças com deficiência foi negado. Nesse sentido, elas não tinham acesso a conhecimentos e práticas que desenvolvessem a sua aprendizagem. Desta forma, as pessoas com deficiência eram muitas vezes excluídas de práticas sociais, como por exemplo, ter acesso à educação. Consta no documento: *Direito à educação: subsídios para a Gestão dos Sistemas Educacionais*, publicado pelo Ministério da Educação – MEC, que:

Historicamente, a pessoa com deficiência tem tido a sua visibilidade como sujeito de direitos condicionado ao empenho das políticas públicas com a plena integração à vida social. Ao longo de quase todo o século XX, a sociedade brasileira, suas agências formadoras e seus agentes empregadores regeram-se por padrões de normalidade. As pessoas com deficiência eram naturalmente compreendidas como fora do âmbito social. (BRASIL, 2006).

A Lei ° 4.024, de 20 de dezembro de 1961 que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961), em seu Art. 88, afirma que “a educação de excepcionais, deve no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade”. (BRASIL, 1961). Na referida lei os alunos com deficiência são denominados como “excepcionais”. Posteriormente à LDB de 1961, podemos citar outros documentos Legislativos que buscam promover a inserção dos discentes com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino, entre eles: a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a LDBEN de 1996 (BRASIL, 1996).

A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 208, inciso III, garante como dever do Estado oferecer “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. (BRASIL, 1988). Já a LDBEN de 1996, em seu Capítulo V, Art. 58, define a Educação Especial como sendo uma “modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996). Desta forma, o atendimento às crianças com deficiência deve ser ofertado desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, perpassando por todas as etapas da vida escolar discente. Com efeito, em face à garantia de direitos para esse público, é especificado na Resolução N° 2, de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), em seu Art. 3º, que:

Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

A Educação Especial perpassa por todas as etapas e modalidades de ensino, inclusive da Educação de Jovens e Adultos, de forma a potencializar o desenvolvimento discente, por meio da utilização de recursos que promovam as potencialidades discentes. São grandes os desafios dos docentes ao lecionar em turmas da EJA, em que muitas vezes são desprovidas de materiais e recursos didáticos adequados para esse público em específico. Desta forma, nos

perguntamos quais os desafios enfrentados e aprendizagens adquiridas por docentes que lecionam com públicos que necessitam de um atendimento especializado, direcionado para as suas peculiaridades, com um olhar atento e sensível à sua realidade, como é o caso dos alunos da EJA com deficiência.

As discussões promovidas neste texto elucidam a necessidade de ser abordado teoricamente aspectos da relevância da formação de professores e da aprendizagem da docência, considerando que os professores são os profissionais que lidam diretamente com a materialização do direito à educação – isso do ponto de vista pedagógico e de transformação pedagógica dos conteúdos de ensino – para os discentes da EJA e da Educação Especial. Assim, é preciso considerar neste artigo que a formação inicial de professores da Educação Básica deve ser responsabilidade, principalmente, das instituições de Ensino Superior, na qual o tripé ensino, pesquisa e extensão e a relação entre teoria e prática podem garantir o patamar de qualidade social, política e pedagógica que se considera necessário (BRASIL, 1996). Logo, essa formação necessita, por exemplo, melhor desenvolver tais modalidades de ensino, a fim de consolidar e garantir o direito à educação destes alunos.

Enfatizamos ainda a centralidade que a formação (inicial e continuada) assume para professores que lecionam em turmas com alunos com deficiência, pois estes trabalham diretamente com a formação educacional de diferentes pessoas, com personalidades, realidades diversas, que possuem vivências diferentes, que afetam diretamente o seu processo de aprendizagem. Logo, se faz necessário uma maior compreensão para lidar com esse universo de sujeitos que se apresenta em sala de aula, que são os discentes com deficiência.

Neste estudo, compreendemos a escola como um dos espaços de aprendizagem da docência. Em um estudo realizado em 1992, Nóvoa delinea a formação de professores com o desenvolvimento pessoal (produzir a vida do professor), com o desenvolvimento profissional (produzir a profissão docente) e por fim relaciona a referida formação com o desenvolvimento organizacional (produzir a escola).

Segundo Freire (1996), quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Assim, o professor aprende ensinando; ensina aprendendo. Acreditamos que a aprendizagem e a aprendizagem da docência é um processo também contínuo e envolve aspectos de natureza subjetiva de cada professor que se constitui ao longo do exercício docente e que envolve aspectos como: formação (inicial, contínua e continuada, por exemplo), reflexão, ação, planejamento, avaliação e pesquisa. Por outro lado, a aprendizagem da docência envolve outros sujeitos, uma vez que, certamente, o professor também aprende a docência com seus pares e esse aprendizado, certamente, repercute no seu desenvolvimento

profissional. Para Marcelo (1999) a evolução dos processos de como se produzem os processos de aprender a ensinar motiva o conceito de desenvolvimento profissional docente ao longo da década de seu estudo o que evidencia a relevância da aprendizagem da docência para o desenvolvimento desses profissionais.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa se apresenta como descritiva, que de acordo com Gil (2008, p. 28) “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...]”. O estudo foi desenvolvido nos meses de setembro de 2020 a janeiro de 2021. Para selecionarmos os docentes, entramos em contato com o diretor da escola que oferta a EJA, por telefone, devido ao isolamento social por causa da pandemia<sup>3</sup> causada pelo novo Coronavírus. Apresentamos a pesquisa e solicitamos o contato dos docentes desta instituição de ensino que ao todo são treze professores, os quais lecionam em uma sede e em anexos. De posse dos contatos, enviamos mensagens de texto (via aplicativo de mensagens de celular - *WhatsApp*) para os docentes. Nos apresentamos, discorremos sobre a pesquisa, perguntamos se eles poderiam contribuir. Todos concordaram e fizemos os seguintes questionamentos: Em qual modalidade de ensino você leciona? Na turma que você leciona têm alunos com deficiência? A partir das respostas, selecionamos os docentes participantes da pesquisa. O critério utilizado para a escolha, foi ser professor (a) da Educação de Jovens e Adultos em turmas com alunos com deficiência.

As entrevistas foram realizadas por telefone, gravamos os áudios e em seguida os transcrevemos. Garantimos o anonimato dos docentes participantes da pesquisa mediante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os nomes que apresentamos nos resultados do estudo são fictícios e escolhidos pelos pesquisadores, atendendo a solicitação dos profissionais na ocasião da entrevista.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresentaremos nesta seção os achados decorrentes da análise de dados da pesquisa, considerando o seguinte objetivo proposto: Compreender que aprendizagens professores da

---

<sup>3</sup> Teve início na cidade chamada Wuhan, na China, onde milhares de pessoas morreram devido a COVID-19 (doença causada pelo novo Coronavírus). No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo.

Educação de Jovens e Adultos constituem em contexto de ensino para discentes com deficiência. Conforme aludido anteriormente, a pesquisa foi realizada de modo remoto, com procedimento realizado via ligação telefônica em decorrência do Coronavírus, tendo como aparato o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o anonimato dos participantes foi assegurado. Salientamos que os pesquisadores fizeram a escolha de seus respectivos nomes fictícios utilizados. Os nomes escolhidos foram: Claudiana, Viviane, Geraldo e Renara. As entrevistas foram realizadas de forma individual, os áudios foram gravados e posteriormente transcritos no *Word* pelos pesquisadores. Em seguida, as transcrições foram enviadas por e-mail para as participantes lerem, realizarem alguma modificação, caso considerassem necessário e posteriormente os docentes enviaram a entrevista para os pesquisadores iniciarem a análise de dados.

Em relação ao perfil dos docentes participantes três participantes são do sexo feminino e um do sexo masculino. Dois docentes são licenciados em Pedagogia, uma possui Licenciatura em Química e a outra docente é licenciada em Biologia. Todos os sujeitos pesquisados possuem Especialização, sendo dois docentes que possuem Especialização direcionada para trabalhar com alunos com deficiência auditiva. É válido, pois nas turmas há alunos com essa deficiência, mas não é suficiente para lidar com as especificidades de outras deficiências que os discentes possuem. Em relação ao tempo de docência, os colaboradores deste estudo possuem entre 10 a 26 anos de experiência docente.

### **Aprendizagens da docência constituídas na interação com os discentes**

Os docentes que participaram da pesquisa lecionam em turmas da EJA formadas por discentes com deficiência e, frente a isso, questionamos que aprendizagens esses professores constituem com seus alunos em sala de aula. Vejamos trechos do relato dos docentes:

Quando você começa a trabalhar realmente com a Educação Especial, o seu mundo, você começa a ter outra visão, você começa a se colocar mais no lugar do outro. Você começa a ver o mundo de outra forma. Então assim, é uma experiência única, [...] a gente quando trabalha na Educação Especial se torna uma pessoa mais humana, se você já era, você se torna mais. Se você se identificar, [...] você sabe se colocar melhor no lugar dos outros, a ver por esse outro lado. E também a ver que eles têm essa inspiração da gente entender que às vezes a gente tem tanto e a gente não é feliz, e eles têm muito pouco e são pessoas tão felizes. Então assim, é uma série de desafios e ao mesmo tempo nos traz muita aprendizagem e inspiração pra nossa vida como pessoa e como profissional, porque você passa o dia trabalhando e você chega numa sala de aula e recebe um abraço, que eles são muito carismáticos, eles gostam de tá abraçando e você é recebido tia, tia te amo e lhe dar um abraço, enfim, isso é muito gratificante, isso nos motiva muito, isso inspira muito pra ser profissionais melhores dentro das nossas limitações. (PROFESSORA CLAUDINA).

[...] A gente não só ensina, a gente aprende muito com eles. Aprende não é falando sobre metodologias, metodologias específicas e sim de valores, valores humanos algo mais além, é muito bom e é gratificante demais trabalhar com eles, porque eles são gratos a cada evolução deles, por menor que seja, a gente sente a gratidão de um aluno especial que evolui. [...] a gente sente que eles são gratos, por cada linha que eles conseguem escrever num papel. No momento que eles fazem uma bolinha e ali sair um “a” é uma felicidade muito grande. A gente não deixa de ficar feliz junto com eles, porque eles nos deixam com essa felicidade, com essa gratidão e é muito bom a gente trabalhar sempre em gratidão. Então, que eles se sentem grato ao professor, porque aprendeu algo, é muito bom. (PROFESSORA VIVIANE).

É um aprendizado pra minha formação, assim só como formação humana mesmo, porque a gente vai perceber que é um público ali muito carente que não é muito visto, então eu acho que é muito mais pra nossa formação humana mesmo sabe. Até porque a formação profissional eu não tenho domínio total pra lidar com esse público, então eu acho que é uma formação humana mesmo. [...] o aprendizado para a vida é isso aí. Eles nos ajudam muito mais do que a gente ajuda a eles. (PROFESSOR GERALDO).

A gente aprende a ser mais humano, aprende que nós somos pessoas que não valorizamos o que temos, porque quando você tem uma criança com deficiência em casa é que você entende o que realmente uma mãe ela passa, tem tantos relatos que as mães contam, você pensa assim meu Deus porque que eu não valorizo o que eu tenho. Nós aprendemos muito com eles. A parte tanto teórica quanto prática, a gente aprender como o porquê daquela deficiência, como aconteceu. (PROFESSORA RENARA).

Ao analisarmos os relatos acima, percebemos que um dos principais aprendizados proporcionados aos docentes que lecionam para alunos da EJA com deficiência, se refere à formação humana, especificamente em compreender o outro, as suas dificuldades, e principalmente os seus avanços, perpassando a formação profissional docente. Os dados evidenciam que a experiência ensina bastante ao docente, a ser mais pacientes, a entender melhor as dificuldades dos seus discentes, buscando recursos que possam auxiliá-los na consolidação da sua aprendizagem. Essas aprendizagens não estão descritas em livros, manuais ou artigos, pois são decorrentes da experiência no magistério.

Os relatos dos docentes evidenciam aprendizagens na perspectiva de crescimento pessoal e revelam semelhanças no que se refere a aprendizagens constituídas em contexto de ensino para os alunos com deficiência. A professora Claudiana considera que a partir do momento que começou a lecionar na Educação Especial passou a ver o mundo de uma forma que ela nomeia de “mais humana”, pois aprendeu a se colocar no lugar do outro. Para a docente, seus alunos com deficiências são inspiração, para aspectos pessoais, para compreensão de que é possível ser feliz sem ter muitos bens materiais e, aspectos profissionais, para superar os desafios e ser uma profissional melhor. Nesse cenário, Nóvoa defende uma formação docente em vez de ter como centro as dimensões acadêmicas (currículos, disciplinas, por exemplo) para uma perspectiva centrada no profissional.

Já a professora Viviane salienta que aprende com jovens e adultos com deficiência. Tal aprendizado não está relacionado a metodologias de ensino e sim a valores humanos, devido a gratidão e a felicidade que os alunos demonstram ao aprender algo novo. O docente Geraldo afirma que aprende com os alunos algo relacionado à formação humana e ao aprendizado para a vida, porque em relação à formação profissional, o professor ressalta que: “Não tenho domínio total para lidar com esse público, então eu acho que é uma formação humana mesmo.” Para Geraldo a formação humana refere-se a ser alguém mais cuidadoso, empático e que valoriza o outro. Chama atenção o relato do docente ao relacionar a formação profissional ao domínio total para lidar com os alunos com deficiência, nos remete a lacunas na formação inicial e continuada docente, pois nem sempre os cursos de licenciaturas fomentam disciplinas voltadas para a Educação Especial.

O relato da professora Renara revela aspectos presentes no discurso dos demais docentes, sobretudo, no que se refere ao aprendizado relacionado à formação humana como bem foi enfatizado por Freire (1996) ao tratar sobre elementos que constituem a compreensão da prática de docentes enquanto dimensão social da formação humana.

O aprendizado que a docente Renara menciona que no contexto de ensino ela aprende sobre a deficiência de seus alunos “a parte teórica quanto prática”, inferimos que ao lecionar para os alunos com deficiência a profissional aprende a lidar com as especificidades e as necessidades das deficiências dos alunos e isso implica no aprimoramento de suas aulas. Segundo Marcelo (1999, p. 15 e 16): “[...] se se quer facilitar o desenvolvimento profissional dos docentes, devemos compreender o processo mediante o qual os professores crescem profissionalmente, bem como as condições que ajudam e promovem esse crescimento.”

Nesse sentido, ter um aluno com deficiência, muitas vezes faz com que o professor busque conhecer melhor a deficiência do aluno, a se familiarizar com as leituras sobre a educação especial, buscando recursos e metodologias de ensino que possam auxiliá-lo em sua aprendizagem. O discurso da docente chama nossa atenção para sobre se o município promove algum tipo de formação específica para esses profissionais que lecionam e para os demais que atuam como monitores e cuidadores em turmas de alunos com deficiência.

### **Aprendizagens da docência constituídas em meio aos desafios do cotidiano escolar**

O trabalho docente na EJA se caracteriza como um grande desafio, tendo em vista que são alunos que muitas vezes trabalham, têm filhos e que precisam “se redobrar entre os estudos, a família e o trabalho”. Esse trabalho docente se torna ainda mais desafiante porque

são sujeitos que precisam ser constantemente estimulados a persistirem em seus estudos, sujeitos estigmatizados socialmente. Frente ao exposto, nos inquietamos sobre aprendizagens consolidadas por esses profissionais, em face aos desafios enfrentados em seu cotidiano profissional. Vejamos o relato dos docentes:

A questão do positivo no ambiente, a gente aprende a ter muita paciência, a gente aprende a desenvolver, a meu ver gente aprende a ser mais humano, mais humano, porque às vezes a gente vai parando e a gente escuta muitas histórias... Então, isso acaba tornando a gente um ser humano melhor. E que a gente se coloca, que a gente começa a enxergar de outra forma a vida. E assim, e os desafios é que hoje a gente não vê dos governantes, vamos dizer assim, apesar de hoje ter a EJA, mas a gente não vê muito, tanto a questão de investimentos voltados pra aquisição de materiais pra eles mesmo, a gente acaba usando o que vem do ensino regular. Então, assim, nessa parte aí é muito desafiador, porque a gente não tem material exclusivo pra EJA. A gente vai preparando as atividades da gente baseado no ensino regular, a gente faz uma readaptação daquilo. [...] eles já vêm com a autoestima baixa e ainda não tem assim, vamos dizer um apoio das entidades e um material voltado pra eles específico isso aqui é pra vocês, foi feito pra vocês, é direcionado pra vocês. [...]. (PROFESSORA CLAUDIANA).

Hoje a gente já não tem tanta dificuldade em relação a parte física da escola, que a escola passou por uma reforma, hoje é uma escola toda adaptada. Ela tem acesso para cadeirante, o banheiro adaptado para deficiente visual, ele tem as barras pra eles se segurarem e tudo. Questão de material a gente tem o lúdico, muito material lúdico pra trabalhar com eles, enfim. Eu particularmente não tenho essa parte, algo a melhor não tem. (PROFESSORA VIVIANE).

Dificuldade a começar pelo deslocamento do menino até a escola. Tem um ônibus, num inverno intenso como esse aí, dificulta mais. O ônibus, ele pega aluno longe e aí é um desafio também porque alguns pais não deixam os meninos irem. Alguns pais acompanham e no dia que ele não pode ir, ele não leva o filho. Então, tem que fazer de tudo pra deixar o filho ir né. Já começa o desafio aí. O outro desafio é a estrutura mesmo, dentro da própria escola, não tem uma estrutura adequada para receber esse público. [...] é uma escola regular que atende os dois turnos manhã e tarde e à noite a gente usa o espaço. Então, é um anexo. [...] o banheiro que é de cadeirante é um banheiro que todo mundo usa. Lá a noite também existe um curso são turmas de pré-vestibular e o pessoal utiliza o mesmo espaço que os alunos também utilizam, e estruturalmente já é um desafio pra eles. Outra coisa, dentro das próprias salas né, não existe cadeira boa, suficiente, eles sentam na cadeira que tem lá, é do jeito que tiver. [...] as potencialidades que a gente vê é que a equipe ela é muito coesa, muito unida e todo mundo se preocupa com os meninos. [...] tem um pessoal que mesmo não tendo a competência necessária, mas tem o comprometimento de cuidar. [...] e o lado bom de tudo isso é que a gente encontra um público muito cativante, muito amoroso. Não tem problema de indisciplina, você tem meninos que são muito amorosos que quer tá o tempo todinho abraçado, quer beijar. [...]. É um público muito afetivo. (PROFESSOR GERALDO).

O nosso ambiente de trabalho é um grupo maravilhoso, eu sempre digo que tudo que a gente vai fazer, a gente faz em conjunto. Se um tiver uma ideia o outro já aprimora aquela ideia e faz diferente e todo mundo concorda e é muito bom sabe. Desde a direção, da coordenação, os professores todos são maravilhosos. Os auxiliares que nos ajudam nos tempos. A escola é acessível, porque foi a primeira escola que ficou nesse projeto. A outra não tem acessibilidade nenhuma. (PROFESSORA RENARA).

Ao analisarmos os trechos das entrevistas, percebemos que uma das dificuldades enfrentadas pelos docentes que lecionam na EJA para alunos com deficiência se refere à infraestrutura das instituições de ensino, bem como os materiais pedagógicos, em que muitas vezes têm que ser adaptados para os alunos, pois os materiais são direcionados para alunos do ensino regular. Nesse sentido, é importante que as instituições de ensino garantam condições de acesso e permanência para os discentes. Como vimos no relato dos professores participantes da pesquisa, que lecionam em instituições diferentes, enquanto em uma instituição de ensino houve uma reforma para tornar o ambiente adequado para os alunos com deficiência, na outra instituição os docentes relatam que não há nenhuma acessibilidade.

A professora Claudiana mencionou sobre o que ela aprende por meio da escuta: ter paciência, se colocar no lugar do outro e enxergar a vida de outra forma. Em relação às dificuldades, ela relata: falta de investimento, material insuficiente e inadequado, porque o material utilizado é adaptado do material disponibilizado no ensino regular. Já a professora Viviane não relata sobre dificuldades e no que se refere a potencialidades, a docente discorre sobre a estrutura física da instituição de ensino, que devido a uma reforma no local, está adaptada para os discentes com deficiência.

Além disso, a professora Viviane afirmou que a escola dispõe de materiais que a docente considera lúdico para que os docentes possam trabalhar com os alunos. Por essas razões, a professora Viviane argumentou que “algo a melhorar não há.” Já para o professor Geraldo, no tocante a equipe de trabalho, ele considera coesa, pois todos os profissionais são comprometidos com os alunos, desta forma, a afetividade e a disciplina dos alunos são consideradas como potencialidades do ambiente de trabalho.

No que se refere a dificuldades, o docente Geraldo mencionou: dificuldade dos alunos em relação ao deslocamento deles até a instituição de ensino, falta de acessibilidade e estrutura precária da escola. A professora Renara não discorre sobre dificuldades, mas mencionou o fato de a instituição de ensino ter uma sala de leitura que não é acessível para os alunos com deficiência e evidencia o que considera como potencialidades. Assim como o professor Geraldo, ela discorreu sobre o grupo de trabalho: “é um grupo maravilhoso... Desde a direção, da coordenação, os professores... os auxiliares que nos ajudam nos tempos”.

Chama atenção que o relato da professora Renara enfatizou o que o docente Geraldo mencionou sobre as condições físicas da instituição que ele leciona: “a outra não tem acessibilidade nenhuma”. No que se refere à acessibilidade dos alunos com deficiência nas instituições de ensino, consta nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), em seu Art. 12 que,

Art. 12. Os sistemas de ensino, nos termos da Lei 10.098/2000 e da Lei 10.172/2001, devem assegurar a acessibilidade aos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliário – e nos transportes escolares, bem como de barreiras nas comunicações, provendo as escolas dos recursos humanos e materiais necessários.

Portanto, sabemos da necessidade de oferecer uma instituição de ensino com uma estrutura física e pedagógica adequada a todos os alunos, com ou sem deficiência. Salientamos que para os alunos com deficiência, essa adequada estrutura física se torna imprescindível, pois ela pode fomentar o acesso e a permanência do discente com deficiência no ambiente escolar. Desta forma, se a escola não oferecer uma estrutura de acolhimento para esse discente, pode ocasionar um mal-estar, um constrangimento aos discentes com deficiência, causando uma possível desistência no prosseguimento dos seus estudos, pois entendemos que a escola necessita ser um ambiente acolhedor, em que os alunos se sintam acolhidos, bem recebidos, que seja um local propiciador de conhecimentos e aprendizagens, e não de exclusão. A seguir, apresentamos as conclusões do estudo.

## CONCLUSÃO

Neste estudo compreendemos que aprendizagens os professores da Educação de Jovens e Adultos constituem em contexto de ensino para discentes com deficiência, concluímos que para os docentes que participaram da pesquisa as aprendizagens constituídas são voltadas para o crescimento pessoal dos docentes que eles referenciam como formação humana.

De acordo com os entrevistados, se faz necessário que os docentes busquem uma formação contínua, buscando aprimorar a sua prática pedagógica em sala de aula, de forma a fomentar a aprendizagem dos discentes. Enfatizamos a importância das Secretarias de Educação, de Estados e municípios fomentarem a realização de formações continuadas aos docentes, buscando propiciar momentos de aprendizagens que auxiliem os discentes em sala de aula e que certamente essas formações implicará no desenvolvimento profissional dos docentes.

Apesar de avanços significativos, no tocante a legislação educacional voltadas para a EJA e para a Educação Especial, ainda percebemos que é importante que haja um maior investimento em ações para que não ocorra diferenciações entre as modalidades de ensino que

permeiam as etapas da Educação Básica para que de fato o que consta na legislação educacional seja efetivado nessas instituições de ensino e que implicaram em potencialidades para fomentar o trabalho dos profissionais dessas instituições, bem como na aprendizagem dos educandos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Lei 4.024, de 20 de Dezembro de 1961]. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília – DF, [1961]. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 10 de Janeiro de 2021.

BRASIL. [Constituição Federal (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: DF, [1988]. Disponível em:

<[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)> Acesso em: 05 de Janeiro de 2021.

BRASIL. [Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996]. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN**. Brasília: DF, 1996. Disponível em:

<[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)> Acesso em: 05 de Janeiro de 2021.

BRASIL. [**Resolução Nº 2, de 11 de Setembro de 2001**], que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília, 2001.

Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao2.pdf>> Acesso em: 09 de Janeiro de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional: passado e futuro. **Sísifo: Revista das Ciências da Educação**, Lisboa, n. 8, p. 7-22, 2009. GARCÍA, C. M. Formação de professores para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/233966703\\_Formacao\\_de\\_Professores\\_Para\\_uma\\_Mudanca\\_Educativa](https://www.researchgate.net/publication/233966703_Formacao_de_Professores_Para_uma_Mudanca_Educativa) Acessado em: 15 fev. 2023.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. Discursos nas políticas de currículo. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.